

CRIANÇA, IMAGINÁRIO INFANTIL E BRINCADEIRA GÍMNICA: POSSIBILIDADES PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA

Nataly de Carvalho Fugi (DEF/UEM); Luciana Boligon(DEF/UEM); Thaís Godói de Souza(DEF/UEM); Keros Gustavo Mileski (DEF/UEM); Telma Adriana Pacifico Martineli(DEF/UEM); Vera Felicidade Dias(DEF/UEM); Ieda Parra Barbosa Rinaldi (DEF/UEM -Coordenadora do projeto), e-mail: parrarinaldi@hotmail.com

Universidade Estadual de Maringá/Departamento de Educação Física

Área temática: Educação

Palavras-chave: Teoria Histórico-Cultural; Imaginário Infantil; Ginástica.

Resumo

Este estudo, de cunho bibliográfico, tem como objetivo analisar o ensino da ginástica a partir do imaginário infantil, tomando como fundamento a Teoria Histórico-Cultural. Para Vigotski, o imaginário infantil, criado no brinquedo, é a representação que as crianças fazem de seu próprio mundo, fantasiam suas realidades e tornam seus desejos e sonhos possíveis, constituindo-se na primeira forma de emancipação das restrições situacionais. O brinquedo é a atividade dominante das crianças e, a partir dos estudos realizados, consideramos ser preciso valorizá-lo no trabalho pedagógico em ginástica.

Introdução

No passado, as crianças eram comparadas e igualadas aos adultos. Ariès (1975), destaca que as características dos aspectos infantis eram ignorados pelas pessoas, pois, pela concepção humana do período em questão. não havia diferenças psicológicas entre a infância e o período adulto.

A diferença marcada que existiu até o século XIII – a não ser quando se tratava de Nossa Senhora Menina – pelas características próprias da infância não aparecem apenas no mundo das imagens: o traje da época comprova o quanto a infância era então pouco particularizada na vida real (ARIÈS, 1975, p. 69).

Esta concepção também pode ser observada nas imagens apresentadas por Soares (1998) em seu livro “Imagens da educação no corpo”, reforçando o entendimento de que as crianças não eram compreendidas nas suas particularidades.

Com a evolução da psicologia, muitos pensadores se interessam em analisar as especificidades do desenvolvimento infantil, reconhecendo as suas diferenças se comparadas aos outros estágios da vida humana. Com estes estudos sobre a criança, essas concepções de “adultos em miniatura”, foram sendo transformadas, desenvolvendo-se várias teorias que buscavam compreender o universo infantil, entre elas podemos citar: a Gestalt, o behaviorismo, a psicanálise, o construtivismo, a histórico-cultural, entre outras.

A partir destas considerações, surgiu a seguinte questão: Como a Teoria Histórico-Cultural explica a imaginário infantil criado no brinquedo? Como os pressupostos desta teoria sobre esta questão podem contribuir no ensino ginástica?

Este artigo tem como objetivo analisar o ensino da ginástica a partir do imaginário infantil, tomando como fundamento a Teoria Histórico-Cultural. O interesse por essa temática partiu da necessidade de buscar possibilidades pedagógicas para o trabalho com o conteúdo ginástica com crianças. A base do nosso objeto de estudo se constituiu ao observar o trabalho realizado com crianças entre 05 a 14 anos de idade, que participam do Projeto de Extensão: “Escola de Ginástica” desenvolvido no Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá. O projeto visa democratizar a prática da ginástica; socializar os conhecimentos gímnicos; promover espaços para as experiências corporais; e, ainda, oportunizar aos futuros professores, em processo de formação inicial, experiências de ensino em ginástica.

No decorrer desse projeto percebemos que ao se trabalhar ginástica com as crianças menores obtemos mais entendimento e realização das atividades quando adotamos uma linguagem infantil, ou própria desta cultura, em substituição aos termos científicos.

Materiais e Métodos

A pesquisa de cunho bibliográfico pode ser entendida como um levantamento de trabalhos realizados anteriormente sobre o mesmo tema, ou seja, se desenvolve com base em material já elaborado.

Para Gil (1991) o que caracteriza uma pesquisa de cunho bibliográfico é a consulta em livros, revistas, artigos e periódicos publicados sobre o mesmo assunto do tema proposto pelo pesquisador e que são instrumentos para sua análise e discussão, podendo ser utilizadas fontes primárias ou secundárias.

Seguindo este delineamento, em um primeiro momento buscaremos entender a concepção de infância no processo histórico, a partir dos estudos de Ariés (1975). Em um segundo momento, aprofundaremos os estudos na Teoria Histórico-Cultural, buscando seu entendimento sobre o desenvolvimento psicológico na infância e as contribuições da mediação pedagógica a partir desta perspectiva teórica.

Para responder a problemática deste estudo, buscamos fontes e fundamentos na psicologia, para entender o pensamento infantil e como ele se processa, bem como, a formação do mundo imaginário como elemento mediador do aprendizado.

A nova psicologia é um fundamento para a educação em uma medida maior que era a psicologia tradicional, (...). Por conseguinte, a própria relação entre psicologia mudará de modo considerável, sobretudo porque aumentará a importância que cada uma tem para a outra e desenvolver-se-ão, portanto, os laços e o apoio mútuo entre as duas ciências (VIGOTSKI, 1998, p. 151).

É neste sentido que a psicologia, como área do conhecimento, vem contribuindo no campo educacional e fundamentando as análises sobre os processos de ensino-aprendizagem.

A partir deste entendimento os principais interlocutores que fundamentarão nossas análises para entender a temática proposta são Vigotski (1998; 2007) e Leontiev (1978).

Consideramos necessário, ainda, contextualizarmos a ginástica (SOARES, et al. 1992; SOARES, 1998), buscando entender o sentido/significado do conhecimento gímico historicamente construído e culturalmente determinada e como ela se expressa no imaginário infantil.

Com base nas duas análises anteriores é que poderemos fundamentar possibilidades de trabalho em ginástica com crianças levando em conta os conceitos cotidianos e refletindo sobre a formação de novos conceitos a partir da intervenção pedagógica.

Levando em consideração a área de estudo do desenvolvimento infantil, em uma perspectiva histórico-cultural, é que encontramos na teoria de Vigotski fundamentos para discutir a influência das experiências, vivências do cotidiano da criança.

As crianças, diferentemente dos adultos, tendem a buscar prazeres imediatos. Assim, não se preocupam com o passado e nem com o futuro, apenas com realizações imediatas. Quando começam a sentir necessidades que não realizam imediatamente é que se tem o aparecimento do Brinquedo, que é uma situação imaginária.

Para Vigotski, o imaginário infantil é colocado nas representações que as crianças fazem de seu próprio mundo. Elas se imaginam sendo mães, pais, professores, ou seja, elas brincam do seu meio social. A criança imagina-se como mãe e a boneca como criança e, crianças pequenas podem fazer coincidir a situação de brinquedo e a realidade. Assim, a criança opera com significado alienado numa situação real (VIGOTSKI, 2007). Nesta perspectiva, o mundo imaginário infantil é o lugar onde as crianças fantasiam suas realidades e tornam seus desejos e sonhos possíveis.

No nosso trabalho com crianças menores, quando trocamos um termo científico por um presente no cotidiano das crianças, elas se apropriam do conhecimento com mais facilidade. É possível entender isto a medida em que em suas mentes elas visualizam o que lhes é colocado e, a partir do seu conhecimento histórico acumulado, estabelecem relações que lhes permitem realizar a ação. Vigostki, (1998, p. 25 e 26) esclarece esta questão ao afirmar que:

No processo de desenvolvimento infantil, surge uma conexão entre as funções de percepção e de memória eidética, e com isso um novo conjunto único, em cuja composição e percepção age como parte interna. Surge uma fusão imediata entre as funções do pensamento visual e as da percepção, a essa fusão é tal que não podemos separar a percepção categorial da imediata, ou seja, a percepção do objeto enquanto tal do sentido, do significado, desse objeto.

É neste sentido que Vigotski (2007, p. 114) afirma que “A ação numa situação imaginária ensina a criança a dirigir seu comportamento não somente pela percepção imediata dos objetos ou pela situação que a afeta de imediato, mas também pelo significado dessa ação.

O brinquedo cria uma situação imaginária que não é algo fortuito na vida da criança, mas sim, “a primeira manifestação da emancipação da criança em relação às restrições situacionais” (VIGOTSKI, 2007, p. 117). O autor afirma, ainda, que

Apesar de a relação brinquedo-desenvolvimento poder ser comparada com a relação instrução-desenvolvimento, o brinquedo fornece ampla estrutura básica para mudanças da necessidade e da consciência. A ação na esfera imaginativa, numa situação imaginária, a criação das intenções voluntárias e a formação dos planos da vida real e motivações volitivas – tudo aparece no brinquedo, que se constitui, assim, no mais alto nível de desenvolvimento pré-escolar. A criança desenvolve-se, essencialmente, através do brinquedo (p. 122)

A partir destas considerações é possível entender que o brinquedo é uma atividade significativa para a criança e, como atividade dominante na infância, o seu desenvolvimento condiciona as principais mudanças nos processos psíquicos da criança (LEONTIEV, 1978).

Resultados e Discussões

Existem atualmente inúmeras formas de manifestação da ginástica que foram produzidas ao longo do processo histórico, entre as suas várias formas de representação. Particularmente com relação às ginásticas demonstrativas e esportivas, encontramos a ginástica acrobática, ginástica artística, ginástica rítmica, ginástica geral, trampolim, entre tantas outras. Todas essas formas de representações da ginástica enfatizam o movimento criativo e expressivo e têm uma forte característica artística. Seus movimentos foram produzidos ao longo do processo histórico nas diferentes culturas.

As crianças, em suas inúmeras brincadeiras de rua, realizam esses diferentes movimentos. Andar, saltitar, saltar, equilibrar, diferentes formas de correr estão presentes no cotidiano das crianças e são utilizados em suas brincadeiras. São caracterizados e nomeados por elas (crianças) levando em conta a forma, o desenho ou o objetivo do movimento.

Um exemplo disso é quando pedimos às crianças para realizarem uma parada de mãos, a maioria não tem idéia do que estamos falando, mas se ao contrário, pedimos a elas para executarem o popular “plantar bananeira” elas sabem de que movimento estamos falando e quando possível a elas, o executam. Soares (1992, p. 88) retrata muito bem esta realidade ao afirmar que:

[..] em praias, praças públicas e ruas, vemos diariamente as maias graciosas e ousadas exibições de: ‘plantar bananeira’, ‘estrelinhas’, ‘roda bola’, ‘bunda canastra’, ‘cambalhota’, etc., executadas por crianças das mais variadas idades e características corporais. Estas destrezas não são outra coisa senão o conteúdo da ginástica artística no saber popular.

A mesma situação ocorre quando introduzimos os aparelhos e objetos da ginástica. Os objetos que já tem um significado histórico entre as crianças são mais aceitos e de maior manejo por elas.

Conclusões

Analisando as concepções sobre o desenvolvimento psicológico associados a vida histórico-cultural da criança, é que em nossas possibilidades pedagógicas de ensino de

Ginástica temos que colocar e utilizar como recurso objetos, palavras, que tenham significado na vida da criança.

Em nossas aulas do projeto de Ginástica da UEM realizado com crianças, observamos que as respostas as atividades propostas a elas são bem mais positivas e assimiladas com mais entusiasmo, quando colocamos de forma a representar algo para elas. Os movimentos mais técnicos são representados comparando-os com animaizinhos como elefantinho e gatinho, estrelinhas, cambalhotas, entre outros, tornando-se mais atrativo ao aprendizado da criança. A análise revela que

a criança que memoriza com a ajuda do material auxiliar organiza a operação num plano distinto da que o memoriza de forma imediata, por que da criança que utiliza signos e operações auxiliares não se exige tanto a memória ou habilidade para criar novas conexões, para criar uma nova estrutura, mas que possua uma imaginação rica, as vezes uma forma de pensamento desenvolvido, ou seja, certas qualidades psíquicas que na memorização imediata não desempenham um papel importante (VIGOTSKI, 1998, p. 42).

A psicologia Histórico-cultural nos permite entender que esta forma de ensino impulsiona o aprendizado das crianças.

Concluimos então que, ao se trabalhar com crianças devemos pensar em possibilidades de ensino que envolva situações imaginárias, que pode incorporar características de brincadeiras gímnicas, valorizando o cotidiano infantil e social. Quando palavras, objetos e ações tem significados para elas a vivência a ser realizada é melhor compreendida e proporciona a criança estabelecer uma conexão entre seu conhecimento e seu contexto social. Este processo de aprendizado, a partir do brinquedo, promove o aprendizado e impulsiona o desenvolvimento infantil.

Referências

ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. – 2ªed – Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

GIL, A. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo:Atlas, 1999.
LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

LEONTIEV, A. N. Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar. In: LEONTIEV, A. N. **Linguagem desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1988.

SOARES, C. L. **Imagens da educação no corpo**: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX. Campinas, SP : Autores associados, 1998.

SOARES, Carmen L. et al.. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

VIGOTSKI, L. S. **O desenvolvimento psicológico na infância**. / L.S. Vigotski, tradução Claudia Berliner. – São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos procesos psicológicos superiores. 7ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2007.